

Prefácio

Carmen Rial

Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências
Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina
Coordenadora-geral do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
Estudos do Futebol Brasileiro

O momento atual dos estudos de futebol no Brasil é o de afirmação da diversidade. É preciso visibilizar as práticas esportivas de sujeitos diversos. O livro de Vanrochris Vieira faz isso em relação aos futebolistas gays.

Quantos gays atuam nas duas principais séries, A e B, do Campeonato Brasileiro Masculino? Provavelmente, há alguns, mas quantos se dizem abertamente gays? Ou postam fotos com seus namorados nas redes sociais, como fazem as mulheres que igualmente têm seu campeonato das séries A e B? Nenhum. O único nome que me vem à cabeça é de um que só se apresentou como bissexual depois de ter se aposentado¹.

Temem a discriminação num espaço sabidamente machista, onde apenas performances de uma masculinidade exacerbada (e, às vezes, tóxica) é aceita. Ao se submeterem ao que podemos chamar de

1 Richarlyson, que hoje trabalha como comentarista esportivo no *SporTV*, da *Rede Globo*.

“invisibilização”, os futebolistas homens LGBTQIA+ parecem reproduzir o movimento dos atletas negros, especialmente na primeira metade do século passado, quando precisavam esconder sua cor para conseguirem espaço nas principais ligas, caso, aliás, do principal jogador na época, Arthur Friedenreich. Era assim, ou se viam obrigados a atuar em um campeonato próprio, como o da Liga das Canelas Pretas, no Rio Grande do Sul, ou ficavam restritos a clube como o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, que abandonou a liga de elite do futebol carioca e competia por outra para poder manter os negros em seu elenco.

O livro de Vanrochris Vieira trata de uma exclusão semelhante. Se os gays são obrigados a ficar no armário para atuarem no futebol profissional no Brasil, ainda assim eles criaram dezenas de equipes e hoje organizam a LiGay, um dos maiores campeonatos no mundo em número de participantes. Porém, se só dar visibilidade a esses sujeitos já teria uma importância acadêmica significativa, o livro de Van vai além. Teoricamente, cria uma categoria, *amasculado*, que é uma real contribuição aos estudos de gênero e sexualidade. Usamos *efeminado* para performances de gênero de homens que fogem à masculinidade socialmente prescrita. Mas como denominar as performances de homens que buscam exibir uma masculinidade extrema, como é o caso dos atletas de uma das equipes estudadas por Vanrochris? Como ele aponta: “se tornar masculino também é um processo”, daí o conceito de *amasculado*, que sublinha isso. Esse é um diálogo que Van faz com as referências do campo, claro, mas em que há uma contribuição delu mesmo para esse campo. Se tivesse que des-

tacar outra contribuição do livro, diria que ele nos apresenta, com o futebol gay, um campo desconhecido para muitos que sabem de futebol – e somos muitos, no nosso país, a se considerarem experts nesse esporte, pois além dos acadêmicos, dos jornalistas especializados, qualquer torcedor se considera um especialista no assunto. O futebol gay é invisível e é invisibilizado na mídia.

O nosso campeonato nacional de futebol gay é absolutamente enorme, e o Brasil é um dos países que mais tem times de gays no mundo. Van nomeia esses clubes no texto. E, num procedimento típico da antropologia, nos oferece o resultado de sua observação aprofundada em dois desses clubes que serviram de material empírico para pensar a construção e a performatividade da masculinidade expressa pelos futebolistas. Ou seja, partindo de uma longa observação nos dois clubes, feita em loco, nos campos, nos estádios, pela internet e também pelas conversas com seus participantes e das entrevistas, Van reuniu um rico manancial de dados que lhe permitiu pensar a masculinidade (e a não-masculinidade) própria de sujeitos que se identificam como gays.

O livro nos fornece um quadro geral sobre o futebol gay no país, apoiando-se num estudo aprofundado em dois clubes: o ManoTauros e o Bharbixas. A contribuição desta obra para os estudos de futebol, portanto, não só é original, mas também de extrema importância para avançarmos na temática em questão.

Essas são algumas razões pelas quais recomendo com enorme prazer a leitura do livro *O futebol das bichas e dos manos*, cuja construção tive o privilégio de acompanhar desde o início. Lembro

bem do primeiro encontro com Van – Vanrochris Vieira, que, para mim, sempre foi, e será, apenas Van –, no bar da Univale, a Universidade Vale do Rio Doce, em Governador Valadares-MG, no intervalo de uma aula. Eu estava lá, ministrando uma disciplina a convite do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que mantinha convênio Dinter/CAPES com a Univale².

Van estava em busca de orientação para o doutorado e pediu que eu o orientasse. Tínhamos interesses em comum por eu ser jornalista (além de antropóloga) e ele também, atuando, na época, como professor do curso de Jornalismo da Univale. Ali mesmo no bar, Van me apresentou um possível projeto de tese. Se lembro bem, era algo sobre a mídia. Achei interessante, mas lhe disse que, no momento, eu estava pesquisando temas relacionados com o futebol. E arrisquei propor que pensasse na possibilidade de fazer uma pesquisa na qual o futebol fosse o tema central.

Van me confessou que não sabia nada de futebol, que nunca tinha jogado e que, inclusive, era alvo de *bullying* na escola, na infância, por conta disso: os meninos não conseguiam entender que outro menino – sua identidade de gênero então – não pudesse gostar de futebol. Eu disse para ele que isso não seria empecilho, que, às vezes, era até muito bom ter um olhar externo, de modo a não pre-

2 O Dinter é um programa em que cursos de conceito 5 ou 6 apoiam cursos que estão iniciando, de conceito 3 ou 4, oferecendo disciplinas e orientações. Assim, os doutorandos da Univale defenderam suas teses em Florianópolis, no PPGICH, com dupla orientação.

cisar realizar o tão difícil exercício de *estranhar o familiar*, já que, para elu, futebol era já algo exótico.

Elu pensou e algumas semanas depois me entregou um projeto com o tema que lhe havia sugerido, propondo estudar os clubes LGBTQIA+ de Belo Horizonte. Como vocês poderá ler nas páginas seguintes, Van escreve muito bem. Portanto, o projeto estava bem articulado, mostrava-se interessante e original.

E assim começou sua incursão aventureira no mundo futebolístico. Sugeri que, inicialmente, lesse os trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Elu, então, se aplicou ao ler o que tinha sido escrito de mais importante no país. E incorporou o mais pertinente ao projeto. Por isso, o livro que vocês estão prestes a conhecer já não é mais de alguém que não sabe nada sobre o chamado esporte das multi-dões, porque Van já pode dizer que sabe muito de futebol, a ponto de ser um dos editores do *blog Bate-Pronto*, do INCT/CNPq Estudos do Futebol Brasileiro, ajudando a revisar e corrigir os textos propostos.

Nós precisamos ampliar o olhar para outros praticantes desse esporte, que tem sido exaltado como capaz de construir uma identidade nacional, um território tão grande quanto o do nosso país. Exaltar outras práticas, mas não outro-futebol, porque o futebol é sempre o mesmo, regido pela legislação da FIFA. O que de fato varia é o modo como se insere no sistema esportivo, seja com por uma relação muito forte com a mídia e com o *business*, seja pelo modo mais amadorístico, seja praticado por pessoas com deficiência física, por mulheres, por gays.

Acredito que o livro superou em muito o que nós dois poderíamos sonhar naquele primeiro encontro no bar da Univale. Por isso, dou

meus parabéns a Van, porque em poucos anos ele se tornou especialista não só em futebol gay, mas em futebol. É ele mesmo quem escreve: “Durante a maior parte da vida, vi o futebol principalmente como signo de uma masculinidade misógina e homofóbica. Este trabalho me ajudou a perceber que não deixa de ser isso, mas que também é muitas outras coisas, inclusive o futebol LGBTQIAPN+”.